

Petrobrás corta gastos. Isso ajuda os consumidores?

O presidente da Petrobrás, Osires Silva, disse ontem em São Paulo que o corte de US\$ 500 milhões nos US\$ 2,9 bilhões de investimentos previstos para este ano foram determinados para ajustar a empresa aos seus níveis atuais de receita. Admitiu que esses cortes poderão evitar novos aumentos ao consumidor (decisão que cabe ao Conselho Nacional de Petróleo), mas vão afetar projetos nas áreas de produção, refino e pesquisa, embora ainda não seja possível avaliar os efeitos em cada setor.

Osires Silva salientou que fará o possível para minimizar os efeitos desse corte, mas adiantou que a meta do presidente José Sarney, de produzir 780 mil barris diários em 1989, deverá ser prejudicada. A produção da empresa hoje é de 600 mil barris/dia. O presidente da Petrobrás observou que esses cortes dificilmente afetarão o nível de emprego da empresa. Explicou que do faturamento anual de US\$ 17 bilhões, 92% referem-se à compra e venda de petróleo, ao passo que apenas 8% "fazem a empresa viver". E, segundo Osires Silva, "qualquer

empresário sabe que cortar despesas em 8% é bobagem".

Além disso, Osires Silva ponderou que o consumo nacional é de 1 milhão de barris/dia, 60% dos quais é produzido internamente e 40% importado. E que dois fatores, um externo e outro interno, preocupam a empresa no caminho do ajuste, via corte dos investimentos. Primeiro, a elevação dos preços internacionais do petróleo. "Calculamos que pagaríamos um preço médio este ano de US\$ 17 o barril. Mas no primeiro semestre já estamos na média de US\$ 18." E, se não houver queda no preço no segundo semestre, no mínimo, esse patamar vai ser mantido.

Some-se a isso a inflação galopante que obrigou o governo a acelerar as minidesvalorizações do cruzado e até a recorrer à mididesvalorização, aumentando os custos da Petrobrás, observou seu presidente. Em resumo, Osires Silva aponta para um futuro nada animador, já que a falta de investimentos poderá apenas evitar a alta dos preços da gasolina por enquanto, ao passo que

as desvalorizações da moeda mais a alta dos preços internacionais poderão pesar futuramente no bolso do consumidor. Especialmente se a falta de investimentos tolher o aumento da produção nacional.

Esse quadro "preocupante" foi descrito com muita parcimônia pelo presidente da empresa, justificando: "Nós também precisamos dar nossa contribuição para o combate à inflação". Por ora, Osires Silva diz que a empresa está com seu orçamento equilibrado e que a retração nos investimentos poderá manter os preços ao consumidor estáveis por algum tempo, embora ele tenha frisado que "isso é da competência do CNP". Acrescentou que a Petrobrás limita-se a vender uma cesta de combustíveis, cujo preço médio por litro é de Cz\$ 4,30. No entanto, como o preço nacional dos combustíveis é unificado (o mesmo em todas as regiões do País, os custos com frete, distribuição etc, são redistribuídos por igual para todas as regiões, segundo cálculos do CNP. Por exemplo: o custo para levar um litro de combustível para Manaus equivale a quatro vezes o seu preço.